



A Susaninha como que formava no espirito todo aquelle exercito de insectos invisiveis...

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

— Mas como é que nós não sentimos esse movimento da Terra? Quando se olha para o céu, parece, pelo contrario, que são os astros que nos dão a honra de andar á roda de nós!

— Parece, é verdade. Mas quando tens viajado

em caminho de ferro nunca te succedeu acreditar por um momento, na occasião em que o comboyo avança com a maior rapidez e sem balançar, que a tua carruagem está parada, e que são as arvores e as casas que desaparecem em precipitada carreira?

— Sim, sim, avôsinho, já tenho notado isso muitas vezes.

— Pois então, se chegas a esquecer-te de que

é a tua carruagem que vaes correndo, não será natural que te succeda o mesmo com a Terra, que é uma carruagem muito mais perfeita, que está suspensa no ar, não experimentando, portanto, nenhum choque, não dando o menor solavanco que te possa advertir de que vaes girando no espaço com uma rapidez vertiginosa?

A Susaninha reflectia.

— Mas, — disse ella um momento — visto a Terra ser uma bola, deve chegar uma occasião em que fiquemos com a cabeça para baixo... N'esse caso, porque motivo não cahimos?

— A tua expressão «ficar com a cabeça para baixo», não tem significação para nós, visto que a Terra é redonda e que temos sempre os pés voltados para o centro d'ella. Entretanto, suppondo que, em determinados momentos, tivéssemos a cabeça para baixo, ainda assim não cahiriamos, porque a Terra segura-nos, attrahe-nos por uma força que se chama a *gravidade*. Tudo que está sobre a Terra se liga á mesma Terra. Acaso viste já alguma coisa cahir e ficar no ar?

— Não, avôsinho. Mas dize-me o que obriga a Terra a rebolar constantemente em volta do Sol. Não seria possível um bello dia dar-lhe a veneta de dizer adeus ao Sol e ir até mais longe?

— Não; do mesmo modo que ha para nós a força da gravidade, ha para a Terra e para os outros planetas uma outra força que os obriga a girar em volta do Sol, e sempre nas mesmas distancias.

— Mas semelhante força é uma tyrannia! — exclamou a pequenita.

— Tyrannia muito bem entendida, porque se a Terra tivesse a phantazia de ir passear para longe do Sol, e o pudesse fazer, privar-nos-hia do calor que nos dá vida, e iria esbarrar com algum planeta, despedaçando-se infallivelmente. Em qualquer dos casos, o resultado seria acabar-se o mundo, o nosso, que, apesar da importancia que lhe ligamos, é um ponto insignificante no meio do universo infinito.

— E, d'esse modo, morreria tudo que existe sobre a Terra, até os animaes. E ha tantos! — observou a Susaninha.

— Ha muitos, effectivamente. E infinito o numero de seres viventes do nosso mundo. Nas florestas, á sombra dos carvalhos gigantes, como ao abrigo dos humildes cogumellos, uma enorme multidão de insectos vive, come, anda, vòla, luta, folga, soffre e morre.

Ouvindo isto, a Susaninha como que formava no espirito todo aquelle exercito de insectos invisiveis; porém, na sua infantil phantazia, dava-lhes as nossas fórmas, vestia-os com os nossos fatos, fazia-os participar dos nossos folgares e das nossas maguas.

Em breve, porém, desvaneceu aquella idéa phantastica e voltou ás suas perguntas.

— Mas então, avôsinho, se o Sol attrahe a Terra, é mais forte e maior do que ella?

— Apenas mil e duzentas mil vezes.

— Mil e duzentas mil vezes! — exclamou

admiradissima a pequenita. — Decididamente, nós não valemos nada!

Paulo entrava n'este momento. Ainda chegara a ouvir o final da conversação, e, para consolar a sua manasinha, disse lhe:

— Entretanto, cumpre não esquecer que, se a Terra presta homenagem ao Sol, exerce, contudo, o seu poder sobre um outro mundo.

— Qual? — perguntou Susana.

— A Lua.

— A Lua pertence-nos?

— Pelo menos, é obrigada a andar á roda de nós, e tambem a alumiar-nos durante a noite. É como que uma lamparina que o Sol nos deixa quando se ausenta.

— É então um Sol em ponto pequeno?

— Não; a Lua não é um Sol. É um planeta, é um astro solidô que não arde, que não está no estado incandescente como o Sol.

— Mas então como pôde ella dar-nos luz?

— Enviando-nos a do Sol.

— Não comprehendo.

— Escuta com attenção. A Lua, girando em volta de nós, recebe tambem, como nós recebemos, os raios do Sol, e esses raios reflectem-se-lhe na superficie como n'um espelho, vindo então illuminar a Terra.

— Pois sim; mas, n'esse caso, porque não vemos a Lua de dia?

— Pela mesma razão que não vemos as estrellas. A luz do Sol é tão viva, tão forte, tão brilhante, que não deixa ver a da Lua e a das estrellas. E como se tu possesses ao pé d'uma luz electrica um phosphoro acceso: certamente não verias a insignificante claridade do phosphoro.



— E a Lua está muito longe de nós?

— Está muito perto.

— A quantas leguas?

— Apenas a noventa e seis mil.

— Chamas a isso estar muito perto! — exclamou a pequenita.

— Perto com relação ao Sol e aos outros astros.

— Ah! E é muito grande?

— Qual! — interveiu o avô — a Lua é quarenta e nove vezes mais pequena do que a Terra.

— Ainda assim! E é redonda?

— E.

GEOGRAPHIA

BELGICA

— E está sempre inteira?
— De certo! Mas que quer dizer essa pergunta?

— Ora essa! pois se a Lua está sempre inteira, porque motivo vemos nós ás vezes só metade, ou um quarto?

— Tens razão; vou diligenciar esclarecer-te. Quando a Lua, girando em volta de nós, chega justamente ao ponto que fica entre o Sol e a Terra, é bem de presumir que só a metade voltada para o Sol recebe luz, e a outra, a do nosso lado, está ás escuras, o que faz com que a não possamos ver. Ha, pois, um dia em cada mez em que nós ficamos sem Lua; um mez é o tempo, aproximadamente, que ella leva a fazer a volta da Terra. Mas logo no dia seguinte se afasta do Sol, o qual começa a alumiar a n'uma pequenina parte. É esta parte illuminada que se apresenta á nossa vista na forma d'um crescente. Seguindo o seu caminho, a Lua vai apresentando aos raios solares uma superficie cada vez maior. Em breve nos mostra a quarta parte do seu volume, e é a isso que nós chama-



mos quarto crescente; depois, vai augmentando, até que a metade que fica voltada para nós se mostra toda illuminada: é a Lua cheia. A partir do dia seguinte, começa a diminuir até ao dia em que se encontra entre nós e o Sol, parecendo então não existir, ou ter morrido para dar lugar a uma Lua nova.

A Susanhinha reflectia. De repente, perguntou:

— Pelo que diz o avôsinho, não temos senão uma lua: e nos outros planetas, também é assim?

— Não; Jupiter, por exemplo, tem quatro á sua parte e bem grandes.

— Quatro luas! e bem grandes! e nós uma apenas, e pequenina!

Decididamente, a Susanhinha começava a olhar para a Terra com um grande desdem. Entretanto, o assumpto continuava a preoccupal-a. No verão, no campo, por mais d'uma vez contemplára o astro da noite, e parecera-lhe ver n'elle como que a figura d'um cavallo a todo o galope. Lembrando-se d'isso, fez a observação ao avô e ao mano Paulo.

(Continúa).

A Belgica é um pequeno reino que tem como limites: ao Norte, os Paizes-Baixos, ao Sul, a França, a Leste, este ultimo paiz e o Mar do Norte, e a Oeste, a Prussia e os Paizes-Baixos.

Ainda que o solo da Belgica é geralmente pouco accidentado, tem comtudo a Sudeste montanhas que offerecem ao viajante muitos pontos pittorescos. Em geral, o terreno é fértil e muito bem cultivado, notando-se a existencia de numerosos jardins, e constituindo as flôres um objecto importante de commercio.

A população da Belgica eleva-se a 5.255:000 d'habitantes. A forma de governo é a monarchia representativa. A religião que conta maior numero d'adeptos é a catholica, tendo porém as outras plena liberdade. A instrucção publica, o commercio e a industria, encontram-se n'um estado muito satisfatorio. Os belgas são muito dados ao estudo da musica e da pintura: o chefe da celebre escola flamenga, João Van-Eyck, era natural de Bruges, cidade da Belgica.

As cidades principaes do paiz de que nos occupamos são: *Bruxellas*, a capital, a séde do governo. É uma cidade extensa e bella: tem 200:000 habitantes. Os seus edificios mais notaveis são: o palacio real, a cathedral de Santa Gudula, o observatorio e a casa da camara, cuja magnifica torre gothica é terminada pela estatua colossal de S. Miguel. Bruxellas tem varias escolas, e bibliothecas, um museu de pintura admiravel, um bello jardim botanico, etc.

A Praça-Real, onde se admira o monumento elevado a *Godofredo de Bouillon*, é a mais notavel da cidade a que nos referimos.

A aldeia de Waterloo, celebre pela batalha que alli perdeu Napoleão I contra os inglezes, no dia 18 de junho de 1815, dista quatro leguas d'esta capital. *Amers*, sobre o Escalda; tem 125:000 habitantes. É uma praça forte muito importante e uma das cidades da Europa, onde o commercio tem attingido um maior grau de desenvolvimento. O distincto pintor Pedro Paulo Rubens, habitou em Anvers, que é a patria de Teniers e Van-Dyck, tambem pintores notaveis.

Liege, tem 114:000 habitantes. É digna de mencionar-se pelo seu grande commercio, e pela sua industria. É a patria do *maestro* Grétry.

Bruges, tem 50:000 almas. Foi n'esta cidade que a pintura a oleo, desconhecida dos antigos, foi inventada no seculo xv por João Van-Eyck, tambem chamado João de Bruges.

Devemos notar que ha quem entenda que esta invenção se effectou no seculo xi.

JOSÉ PESSANHA.



AVENTURAS DO ANTONINHO

O Antoninho sahiu de casa de muito má vontade. Coisa singular! o Antoninho gostava de ir aos toiros, ao theatro, ao Passeio, mas não gostava mesmo nada de ir ao collegio! Custa a crer, mas é verdade.

E dava-se ares, o maganão. Gostava do fatinho bem feito, justo ao corpo, usava já a sua bengalhinha, e quando passava por algum criado, queria que elle lhe tirasse o chapéu, e, para fingir de homem, levava a mão ao beico superior, para puxar um bigode que não tinha.



Cabecinha muito louca, a do menino Antonio! Os paes eram, em grande parte, os culpados. Faziam todas as vontadinhas ao menino, não queriam que elle se cansasse com os estudos, porque podia adoecer, animavam-lhe os defeitos, á força de benevolencia, em vez de lh'os corrigir. Maus paes, cuidando serem muito bons.

Mas diziamos nós que o Antoninho sahira de casa com aspecto de zangado, e a razão era ir para o collegio. Caminhava muito devagar, parando diante de todos os mostradores das lojas, olhando com grande attenção para os cartazes das esquinas, reparando em todas as pessoas que passavam. Não parecia que tinha de ir cumprir uma obrigação, senão que precisava de matar tempo, de fazer horas.

Atravessou o Passeio, e achando que era ainda cedo para entrar no collegio, sentou-se n'um banco, muito aborrecido, e pôz os livros de lado, como coisa inutil. Alli esteve um bom pedaço, abrindo a bocca de instante a instante, até que adormeceu.



Quando acordou, procurou os livros, mas encontrou apenas o sitio: tinham-lh'os roubado!

Cuidam que o Antoninho ficou muito afflicto? Enganam-se.

— Sem livros é que eu não vou ao collegio — limitou-se elle a dizer. — Digo em casa que os perdi.

E levantou-se para se ir embora. Mas, apenas deu alguns passos, avistou um grupo de rapazes, que eram seus companheiros no mesmo collegio. Os rapazinhos riam á sucapa.

O Antoninho aproximou-se d'elles e disse-lhes: — Vossês é que me tiraram os livros. Dêem-os cá; nada de brincadeiras.

— Tu estás doido? — respondeu o mais crescido. — Olha que, se me chamas ladrão, parto-te a cara!

— Eu bem sei que foram vossês — insistiu o Antoninho. — Se não m'os querem dar, deixal-o. De palito é que eu não sirvo.

E o Antoninho afastou-se amuado.



— Anda cá, meu pelludo — gritou-lhe o collega mais espigadote — foi este.



Mas o Antoninho foi andando, sem fazer caso.

— Toma lá os livros! — insistiu o outro, já recheio de que o mestre soubesse da brincadeira e o castigasse.

O Antoninho, porém, não parava. Queria aproveitar-se da situação: voltava para casa, dizia que uns meninos lhe tinham tirado os li-

vros, que não podia dar as lições, e... e não ia ao collegio, que era o seu maior desejo.

Mas os outros rapazes deitaram a correr atraz d'ellê e disseram-lhe :

— Ah! tu vaes para casa impingir alguma mentirola? Pois nós, apenas entrarmos no collegio, contamos tudo ao director, e elle te fara a cama. — Toma lá os livros.

Mas o rabinho não os queria receber.

— Ah! sim? olha, elles ahi ficam.

E o estudante mais crescido atirou os livros aos pés do Antoninho, que não os apanhou.

— Nós cá vamos para o collegio.

E foram.

O rabinote estava ainda indeciso se havia ou não de apanhar os livros, quando passou uma senhora, que morava na mesma escada e que, reconhecendo-o, lhe disse :

— Então que faz o menino por aqui? E com os livros no chão! Succedeu-lhe alguma coisa?

O diabrete nem palavra.

— O menino Antoninho não me conhece? — insistiu a senhora, muito admirada.

Por unica resposta, o Antoninho encostou-se á parede e voltou-lhe as costas.



— Ai! que menino tão mal creado! — exclamou a senhora, bastante vexada.

— Mal creada é ella! — respondeu logo o desatinado.

— Hei de fazer queixa á sua mamã!

— Sim?... An!...

E o travesso Antoninho deitou-lhe a lingua de fóra.



A pobre senhora retirou-se, muito envergonhada.

Ao mesmo tempo passava uma mulher de capote, a qual, vendo o feio gesto d'aquelle menino, se atreveu a dizer-lhe :

— Ora esta! então um menino fino, um estudante, deita a lingua de fóra a uma senhora?... —

— Que tem vossê com isso, sua velha? — voltou logo o Antoninho. — Metta-se lá com o seu rapé, que é melhor. Ora o estafermo!

A velha, temendo ouvir ainda mais e peor, foi andando e resmungando :

— Está o mundo perdido! Estas creanças d'agora não têm respeito a ninguém!

— Fora, brucha! Vê se cahes do capote abaixo!



E o endiabrado Antoninho continuou a mimosear a pobre velha com ditos atrevidos, até que ella se afastou.

Afinal, sempre se resolveu a levantar os livros do chão, e lá foi para o collegio como quem vae para a forca. Era já bastante tarde, pelo que o professor o castigou, e tambem por não saber as lições; além d'isso, escreveu uma carta ao pae, informando-o de que seu filho era um pessimo estudante, mal comportado, e que, se não se emendasse, teria de expulsal-o do collegio, para evitar os maus exemplos.

Quando o pae recebeu a carta, ao jantar, ficou desesperado, e conheceu então que os exaggerados mimos que prodigalisava ao filho podiam perdê-lo. Pela primeira vez o castigou, prometendo-lhe ser muito severo d'alli em diante.

Estavam n'isto, quando a criada veiu dizer que a vizinha do 3.º andar procurava a senhora.

A vizinha contou o que o Antoninho lhe fizera na rua, lastimando que um menino de tão boa familia se confundisse com os brégeiros de pé descalço. A mãe pediu muitas desculpas á vizinha, e foi buscar o filho, para lhe pedir perdão.

O Antoninho, que sentia ainda as orelhas quentes, pelo castigo que o pae lhe infligira, não teve remedio senão obedecer.

D'alli em diante os paes já não eram os mesmos para o Antoninho. Se bem que o adorassem, porque era seu filho, mostravam-se rispidos, não lhe faziam as vontades, não o levavam ao theatro, não lhe davam bolos, não brincavam com elle.



Ao principio, o Antoninho não fez grande caso da mudança; mas, a pouco e pouco, foi comparando a alegria de outr'ora com a reserva de hoje; foi sentindo a falta dos beijos da mãe, dos gracejos do pae, e, de repente, uma grande transformação benéfica se operou n'elle.

Reconheceu o seu mau proceder, reconheceu quanto eram justos os conselhos de seus paes e dos seus professores, comprehendeu que era muito melhor ver rostos alegres do que semblances carregados, e protestou logo emendar-se. Dirigiu-se aos paes, pediu-lhes perdão, abraçou-se á mãe, para que fizesse com que o papá tornasse a ser seu amigo



e jurou que seria muito bom estudante, que não diria palavras feias, que nunca mais daria motivo para ser reprehendido.

E cumpriu a promessa.

O Antoninho tornou-se um menino exemplar, e vendo quanto agora era querido de todos, agradecia a Deus o ter-lhe transformado o coração para o bem.

MATTOS MOREIRA.

O DIA DE S. LAMECHA

COMEDIA EM 1 ACTO

(Imitação)

PERSONAGENS

O JUIZ ORDINARIO. | José, criado papá. | ANTONIO DO CABEÇO, *façendetro*

A scena representa o escriptorio do juiz.

SCENA I

O JUIZ, só

(*Esta sentado à mesa de trabalho.*)

E então, isto não tem graça? O sr. Antonio do Cabeço mandou-me avisar de que viria hoje à minha presença, com um tal Caetano, para se harmonisarem n'uma contenda. Não é bonito? em vez de fazer intimações aos outros, sou eu que as recebo d'elles! Anda o carro adiante dos bois! Pois que venha o sr. Cabeço, que volta pelo mesmo caminho. Senão, que espere, que terá de esperar. Eu o ensinarei a não impôr audiencias, em vez de as pedir. (*Chamando*) O José!

SCENA II

O JUIZ e José

José (entrando, com uma vassóira na mão) — Senhor?

Juíz — Se vier ahí procurar-me um tal Antonio do Cabeço, prega-lhe com a porta na cara.

José — Ó sr. meu amo, pois eu hei de fazer isso? e se lhe quebrar o nariz?

Juíz — Não admitto observações! — Mas emfim, para não sermos mal creados, que é o que elle é, dize-lhe que... que... que estou ainda deitado.

José — Ó patrão, isso era uma grande mentira! Tenha paciencia, mas eu não digo isso ao home.

Juíz — Pois tu desobedeces-me? Olha que te ponho na rua!

José — Agora põe! O patrão é muito boa pessoa.

Juíz — Serei; mas faze o que te digo; eu tomo a responsabilidade da mentira.

José — Palavrinha?

Juíz — Não me faças perder a paciencia! (*Batem á porta.*) Olha, estão a bater. Pergunta quem é; se fôr o tal Cabeço, já sabes o que tens a dizer-lhe.

José — Lá vou. (*Baixando a voz.*) Mas o patrão fica *responsable*, palavrinha? (*Batem com mais força.*)

Juíz — Ah! tratante! Queres que te quebre... (*Tem-se levantado furioso; mas vendo que o José recua assustado, fazendo signal de obedecer, torna a sentar-se, e pega na penna.*) Despachemos o mais urgente. (*Batem á porta furiosamente.*)

SCENA III

OS MESMOS e ANTONIO CABEÇO, *dentro*

José — Ahi vac! ahi vac! (*Fallando pelo buraco da fechadura.*) Quem está ahí?

Antonio (*dentro*) — Sou eu.

José — Mas quem é vossê?

Antonio — Sou o *António* do Cabeço, e venho tratar um *negoço* com o *sôr* juiz.

José — Ah! vossê é o tal Cabeço? Pois meu amo disse-me que lhe dissesse que elle estava ainda deitado na cama.

Antonio — As dez horas da *manhen!* Pois diga-lhe que eu espero que elle se erga.

José — Cá vou dizer. (Dirige-se ao juiz, baixando a voz.) Senhor meu amo, diz o *home* que espera até o sr. meu amo se levantar.

Juíz — O quê? elle diz isso?... Pois então diz-lhe que... que estou doente... que não me levanto hoje da cama.

José — Outra mentira! É *tamem* por conta do patrão?

Juíz — É, sim. Vae lá.

José (voltando para junto da porta e gritando.) Olhe, *sôr* Cabeço, meu amo manda-lhe dizer que está doente e que não sabe hoje da caminha.

Antonio — Está doente? coitado! Pois diga-lhe que eu tenho um bom remedio para lhe ensinar.

José — Sim, senhor, cá lhe vou dizer. (Vae ao pé do amo.) Diz o *home* que tem um bom remedio para ensinar ao patrão.

Juíz — Pois esse atrevido ainda ousa insistir! Dize-lhe que o seu remedio não pôde servir, porque eu estou desenganado, não posso escapar.

José — Ó patrão, então eu hei de...

Juíz (ameaçando-o) — Olha que eu pego n'uma cadeira!

José (fugindo) — Não é preciso! (Gritando á porta.) *Sôr* Cabeço, meu amo diz que o remedio não serve, por que está quasi a esticar a canella.

Antonio — Coitado do *sôr* juiz! Vae viajar até ao outro mundo?... Pois vá dizer-lhe que desejo despedir-me d'elle.

José — Vou n'um pulo, *sôr* Cabeço. (Aproxima-se do amo.) O *prove do home* quer por todas as forças despedir-se do patrão.

Juíz (desesperado) — Leve o diabo esse impertinente! — Dize-lhe que estou morto!

José (á parte) — Ai! que mentiroso! (Alto, á porta.) *Sôr* Cabeço, meu amo manda-lhe dizer que está morto.

Antonio — Ah! manda-me dizer que está morto! (Chorando.) O meu Deus! o nosso juiz morreu! (Depois de pausa.) Olhe, vá *dizer-lhe* que desejo lançar-lhe a agua benta.

José (vindo ao amo) — Diz que quer lançar-lhe a agua benta.

Juíz (espantado) — Agora já não tenho para onde appellar! O patife não é tão parvo como eu julgava. Mandá-o entrar.

José — O patrão, se abro a porta ao *home*, logo elle vê que lhe preguei um par de mentiras.

Juíz (zangado) — O maroto, pois tu atreves-te a discutir as minhas ordens?...

José (assustado) — Não, senhor; vou a correr! (Á porta.) *Sôr* Cabeço, meu amo resuscitou e manda-lhe dizer que está á sua espera. (Abre a porta.)

Antonio (entrando, de cara alegre) — Ora até que emfim!

(*Continúa.*)

EXEMPLOS DE AMOR FILIAL

I

Meus meninos, aqui me tendes outra vez a continuar as minhas pequenas lições, accommodadas ás vossas intelligencias, que apenas estão a desabrochar, e aos vossos tenros corações, sequiosos de ensino, que vos vá infiltrando n'alma o amor do bem, mas por um modo que agrade á vossa viva imaginação de creanças.

Nos arredores de Lisboa ha uma pequena villa chamada Bellas, que merece esse nome pela densidade e frescura de seus arvoredos, alcantilado de suas penedias e amenidade e salubridade de seu clima.

Perto de Bellas, por um formoso mas apertado valle, corre uma ribeira chamada da *Jarda*.

Pelas margens d'esse riacho, no seculo XIII, folgava uma creança encantadora, chamada Domingos e que era o enlevo de seus paes, pobres moleiros, e de seus irmãos, todos mais velhos que elle.

Esse menino cedo começou a revelar grande bondade de coração e uma extraordinaria vivacidade de espirito.

Deu esta nas vistas a ponto de que alguém, deseioso de dar á apreciavel creança um futuro brilhante, se partiu com ella para longe, sem cuidar das lagrimas e saudades que ia causar aos paes e irmãos a ausencia do pequeno Domingos.

Desenvolveu-se n'este tão prodigiosamente a intelligencia, que o julgaram digno de cursar, como, com o maior applauso, cursou, a Universidade de Salamanca, ja n'esse tempo tão celebre que chegou a ser adagio a sabedoria de seus mestres.

D'aqui passou a Roma, capital famosissima do mundo christão e onde Domingos Annes Jardo adquiriu tal fama de virtude e sabedoria, que o rei de Portugal o honrou com a mitra d'Evora e depois com a de Lisboa, ajudando muito el-rei D. Diniz na creação da Universidade de Lisboa, que depois foi transferida para Coimbra.

Apenas chegada a Lisboa, D. Domingos Annes Jardo deu-se pressa em ir procurar a casa paterna. Era á tardinha. O bispo seguia pelo valle, montado na sua mula e acompanhado de um sacerdote, seu intimo amigo e conselheiro, porque deveis saber, meus meninos, que um bom amigo é um grande thesouro, mas amigo que saiba dar-nos bons conselhos, que nós saibamos aproveitar.

Descia a noite; uma velhinha, sentada á porta d'uma azenha, rezava quando, mui admirada, vê pararem defronte d'ella os dois cavalleiros, cujo estado ecclesiastico logo reconhece.

— Boas noites, boa senhora — diz o bispo, reconhecendo a mãe, mas querendo por um pouco guardar o incognito — rezaes, e Deus de certo ouve as orações que lhe dirigis por vosso marido e filhos.

— Já não tenho marido — respondeu a quasi centenaria mulher, — e dos filhos resta-me um,

casado, e que é o doce amparo da minha velhice, como é minha nora, santa rapariga, que não cessa, como meus lindos netos, de me acariciar e consolar na triste viuvez do melhor dos maridos e dos filhos mais laboriosos e filhas as mais formosas, mas também as mais honestas e obedientes.

N'isto chegaram as lagrimas aos olhos da boa velhinha.

— Então, continuou o bispo, quantos filhos tivestes e como se chamavam?

Satisfazia ella tal pergunta quando, de repente, pára, mais commovida, porque uma recordação mais penosa se lhe levantara do seio d'alma.

— Então não tivestes mais nenhum filho? — continuou o bispo.

— Oh! sim, retroquii ella, tive mais um e era o mais novo e o mais bello e o mais querido de todos. O meu Domingos! Oh! que saudade! Oh! como elle vive no fundo da minha alma! Ingrato! Deixou que o levassem e nunca mais deu noticias de si!

— E se visseis agora esse filho, reconhecel-o-hieis? perguntou o bispo, já a romper-lhe as lagrimas.

— Oh! se reconhecia, porque a alma logo me daria rebate!

— Parece-me que não! volve o bispo.

Mas n'isto a velhinha olha mais fixamente, reconhecendo as feições adoradas do filho mais amado, cuja voz ainda não perdera o timbre conhecido. Ergue-se com a presteza que a velhice lhe permite e, exclamando em delirante alegria «sois vós, sois vós!» corre aos braços do filho, que, já a pé, acolhe e aperta ao seio e cobre de beijos sua mãe.

Como vos disse, ia descendo a noite, os camponezes recolhiam de seus trabalhos. A novidade d'aquelles dois cavalleiros tão tarde trazidos a um sitio mui pouco frequentado, attrahira a curiosidade, de fórma que, ao aprear-se o bispo, já numeroso concurso presenciava esta deliciosa scena.

Entrou o bispo na pobre casa, acolheu com a maior cordealidade o irmão, a cunhada e os sobrinhos, os visinhos e todos que accorreram a vel-o. Quiz alli pernoitar e regalar-se com a companhia suspirada de sua mãe, com a vista d'aquelle tecto, tão saudoso, d'aquelles montes e arvores, que o estavam chamando e attrahindo d'entre as suas glorias escolasticas, d'entre os respetos com que por toda a parte o cercavam, e d'entre as grandezas a que justamente subira.

Voltou a Lisboa e pôde bem avaliar-se que boa impressão fez na alma generosa de el-rei D. Diniz, a narração d'este acontecimento.

D. Domingos Annes Jardo ia amiudadas vezes ver sua mãe e familia, em favor da qual comprou terras e casas, com que formou um casal, que por seculos conservou o seu nome e a memoria d'este bello exemplo de amor filial, que foi a corôa mais gloriosa d'esse bispo, famoso pelas suas virtudes e pelo seu saber, e que por isso ficou sendo reputado uma das maiores glorias da egreja portugueza.

SILVA FIGUEIRA.

HORAS ENTRETIDAS

PALAVRAS QUADRADAS

Esta villa portugueza,
Da portugueza nação,
Encontra-se na floresta,
E é logar de devoção.

O PEQUENO ANTONINHO.

CHARADAS NOVISSIMAS

Na India, a renda que se paga são louvores — 1 — 2

Esta lettra e esta fructa, quer compasso e batuta — 1 — 2

Diga se o alicerce já não existe — 2 — 3

O PEQUENO ANTONINHO.

CHARADA ENIGMATICA

A primeira ante a terceira
é a paga merecida,
do *todo* que com valor,
é auidaz trabalhador,
arriscando a propria vida.

A segunda só por si
por pouco não 'stá além;
o menino que assim faz
mostra ser bem bom rapaz,
e amigos por certo tem.

CONCEITO

Umaz vezes ás creanças
serve o todo de brinquedo,
outras, porém, a mamã
com elle lhes mette medo.

NINGUEM.

ALEGRIAS

Uma pobre mulher foi queixar-se ao commissario de policia de que o marido lhe batia. O commissario chamou o homem e reprehendeu-o.

— Deixe-a fallar — respondeu elle — apenas ás vezes lhe sacudo o pó com o lenço de assoar.

— É verdade o que diz seu marido? — interrogou a autoridade.

— É sim, senhor.

— Então para que vem incommodar-me com queixas?

— Mas é que o meu marido assoa-se á mão.

Um plebeu valente desafiou para um duello um nobre que o offendera.

O fidalgo respondeu-lhe:

— Não me bato com o senhor, porque a sua posição social é muito inferior á minha; enviar-lhe-hei, porém, um dos meus lacaios.

— E d'esse modo ficará V. Ex.^a dignamente representado. Aceito.

CORRESPONDENCIA

Lisboa — *Lapa*. — Recebemos diversas cartas com a solução dos problemas que vieram no numero anterior, no final do continho *da desobediencia*; mas a primeira que nos chegou ás mãos foi a do meu amigo A. C. Brandão Junior. Mostre ao seu papá aquelle bonito conto, que talvez elle concorde com o final.